O MENINO SEM AURÉOLA — O QUE NOS DIZ ESTA IMAGEM?

à luz de “Redemptoris Mater”

Há muito tempo me intriga o seguinte: ao deter-me diante da imagem de **“Maria Santíssima, Mãe da Divina Providência”** (*Mater Divinae Providentiae*), atribuída a **Scipione Pulzone** — artista ligado ao ambiente romano da arte pós-tridentina —, reparo na ausência de auréola em torno da cabeça do Menino Jesus. [1] À primeira vista, tudo parece “como deve ser”: o rosto de Maria é sereno e terno, a composição simples e clara — de modo a não distrair, mas a conduzir à oração. E só depois de um momento se percebe o detalhe: Maria tem um nimbo (auréola) delicado, enquanto o Menino Jesus não.

Alguém poderia perguntar: “será um erro?”. No entanto, na arte sacra a auréola não é um “rótulo obrigatório de santidade”, mas uma linguagem. Essa linguagem por vezes é literal (o círculo dourado), por vezes é discreta: fala por meio da luz, do gesto, do olhar e do silêncio. Após o Concílio de Trento, valorizaram-se especialmente imagens de mensagem imediatamente legível, capazes de despertar devoção sem excessos nem

teatralidade; Pulzone é frequentemente descrito precisamente neste sentido — como criador de formas claras e subordinadas à legibilidade orante. [2]

A resposta mais profunda, porém, surge quando se olha para a imagem não apenas com os olhos do esteta, mas com os olhos do discípulo: como “a partir de dentro” do Evangelho — e à luz do que São João Paulo II escreveu na encíclica **“Redemptoris Mater”**. [3]

O Papa conduz-nos ao Gólgota — ao momento que ele chama explicitamente "testamento da Cruz". Ali Jesus diz a Maria: "Mulher, eis o teu filho", e ao discípulo amado: "Eis a tua mãe". [4] João Paulo II sublinha que não se trata apenas de um gesto de cuidado para com a Mãe, mas do estabelecimento de um novo vínculo e de uma nova maternidade de Maria: a partir daí, Maria é "dada" aos discípulos — a cada um e a todos — como Mãe. [3]

Aqui aparece uma chave particularmente próxima da interpretação do "sem auréola". O Papa observa que as palavras pronunciadas na Cruz são dirigidas no singular — a uma só pessoa. Não é um acaso, mas um sinal de que a maternidade de Maria tem um caráter pessoal: toca um "tu" concreto, e não apenas uma multidão anónima de crentes. [3]

Por isso, a tradição cristã repete tantas vezes: todo discípulo pode ocupar o lugar de João; cada um pode ouvir no coração "Eis a tua mãe" — e "acolhê-la em sua casa". [3]

Nesta perspetiva, a imagem começa a "falar" de outro modo. O Menino sem auréola não precisa significar diminuição da sua santidade. Pelo contrário: pode ser um convite para reconhecer, naquela cena, a própria condição de filho — o lugar preparado para o discípulo que Jesus confia à sua Mãe. Como sugere a interpretação mencionada, o artista poderá ter deixado deliberadamente espaço para que cada um se reconhecesse como filho confiado a Maria. O Menino sem auréola torna-se, de certo modo, um "lugar" para mim e para ti: para quem acolhe o dom da maternidade de Maria.

Isto conduz diretamente ao que João Paulo II chama maternidade espiritual "na ordem da graça": ela nasce do mistério pascal e permanece ligada ao dom do Espírito Santo — pois é o Espírito que nos torna novos filhos de Deus, redimidos em Cristo. [3]

Assim, Maria não é uma Mãe "substitutiva" ao lado de Deus, mas Mãe neste sentido: no plano da salvação, ajuda-nos a acolher a vida da graça; conduz-nos a Cristo, ensina a fé e o consentimento à vontade de Deus — tal como ela própria o aprendeu ao longo de todo o seu caminho. [3]

Então, a ausência da auréola torna-se não uma "falta", mas uma mensagem: a santidade de Jesus não precisa de um sinal, porque se revela no amor que se abaixa — na proximidade, na ternura e na entrega. E Maria — Mãe da Divina Providência — olha para o Menino com tal delicadeza,

como se dissesse: “Não é apenas uma cena de há dois mil anos. É a história da Igreja. É também a tua história”.

Talvez por isso esta imagem comova tanto: conduz ao ato de que fala a encíclica — “acolher Maria em sua casa”. **[3]** Ou seja, permitir que a sua presença materna na ordem da graça se torne algo real: na oração, no quotidiano, nas escolhas.✠

Robert Kosek CRSP

Fontes

[1]https://catalogo.fondazionezeri.unibo.it/scheda/opera/32149/Pulzone%20Scipione%2C%20Madonna%20con%20Bambino
[2]https://www.collezionegalleriaborghese.it/opere/madonna-con-bambino-9
[3]https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pl/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html
[4] (Jo 19,26–27 – texto online) https://biblia.deon.pl/rozdzial.php?id=358